

# NOTAS SOBRE A FUNDAÇÃO LITERÁRIA ROMÂNTICA, MODERNISTA E CONTEMPORÂNEA NO BRASIL\*

## NOTES ON THE ROMANTIC, MODERNIST AND CONTEMPORARY LITERARY FOUNDATION IN BRAZIL

Rafael Senra Coelho<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nesse artigo, pretendemos investigar discursos acerca da fundação de três momentos relevantes da literatura brasileira: o período do romantismo no séc. XIX, o modernismo (sobretudo na fase da geração “heroica” da década de 1920) e a literatura contemporânea (década de 1960 até os dias atuais). Teóricos como Evando Nascimento assinalam as diferentes perspectivas teóricas que vinculam dois desses momentos (romantismo e modernismo) como fundadores da literatura brasileira como um todo. E, através das discussões propostas por Tânia Pellegrini e José Miguel Wisnik, podemos compreender como esses movimentos foram atualizados historicamente no país. Mais do que apontar as obras pioneiras de cada recorte, queremos discutir sobre como intelectuais e críticos avaliam a importância e o papel de cada um desses instantes dentro da tradição nacional. Nosso breve panorama busca assinalar também como a fundação dessas tendências responde a aspectos permanentes da própria história da literatura brasileira que se renovam ao longo do tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romantismo. Modernismo. Literatura Contemporânea. Fundação.

**ABSTRACT:** In this article, we intend to investigate discourses about the foundation of three relevant moments in Brazilian literature: the period of romanticism in the 19th century, modernism (especially in the phase of the “heroic” generation of the 1920s) and contemporary literature (from the 1960s to the present day). Academics such as Evando Nascimento point out the different theoretical perspectives that attach two of these moments (romanticism and modernism) as founders of Brazilian literature as a whole. And through the discussions proposed by Tânia Pellegrini and José Miguel Wisnik, we can understand how these movements were historically updated in Brazil. More than marking out the pioneering works of each period, we want to discuss how intellectuals and critics assess the importance and role of each of these moments within the national tradition. Our brief overview also seeks to point out how the foundation of these trends responds to permanent aspects of the history of Brazilian literature that are renewed over time.

**KEYWORDS:** Romanticism. Modernism. Contemporary Literature. Foundation.

<sup>1</sup> Doutor em Teoria Literária pela UFJF. Professor Adjunto do Departamento de Letras da UNIFAP. Professor Permanente da Pós-Graduação em Letras da UNIFAP. Membro dos grupos de pesquisa NUPEL (CNPQ) e Literatura e Mídia (CNPQ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9052-5972>. E-mail: [raraafaels@yahoo.com.br](mailto:raraafaels@yahoo.com.br).

\*Artigo recebido em 15 de setembro de 2022 e aceito para publicação em 16 de novembro de 2022.



Ao refletir sobre narrativas de formação do romantismo, modernismo e da contemporaneidade, seria um equívoco pensar que o surgimento de cada uma dessas tendências se daria de maneira estanque e sem diálogo com a tradição. Podemos notar em cada um desses períodos a permanência de questões que podem implicar em influências mútuas, ou até mesmo provocar desdobramentos de ruptura e resposta à essas mesmas questões. Nosso intuito aqui não é o de apontar, em uma perspectiva historiográfica, as obras fundadoras de cada tendência. Queremos, na verdade, fazer uma discussão sobre como a fundação dessas tendências responde a aspectos permanentes da própria história da literatura brasileira que se renovam ao longo do tempo. Pretendemos discutir também como intelectuais e críticos avaliam a importância e o papel de cada um desses instantes dentro da tradição nacional. Sabemos que o escopo do que está proposto aqui está circunscrito em temáticas de considerável abrangência, e que vários dos tópicos mereceriam um justo aprofundamento. De todo modo, acreditamos que esse breve panorama pode agregar alguns pontos oportunos de reflexão acerca de três importantes momentos da literatura nacional.

Inicialmente, é preciso considerar que algumas perspectivas da tradição intelectual e crítica no Brasil situam a fundação de dois desses momentos (o romantismo e o modernismo) como tendências fundadoras até mesmo da própria literatura brasileira. Um dos parâmetros mais influentes no panorama crítico brasileiro vem de Antonio Candido, que, em *Formação da Literatura Brasileira* (publicado em 1959), estabelece como marco de interesse das nossas letras o período compreendido entre meados do século XVIII e primeira metade do século XIX, sendo a fase inicial do romantismo uma espécie de ponto efetivo da nossa verdadeira inauguração literária (CANDIDO, 2000). O teórico confirmaria esse recorte em uma obra posterior, *Iniciação à Literatura Brasileira: Resumo para Principiantes*, de 1999. Para Candido, no período anterior ao arcadismo, não se podia pensar em um sistema literário coeso e abrangente, mas apenas em *manifestações* literárias mais individuais (CANDIDO, 2000, p. 24). Assim, os árcades mineiros, as Academias dos Seletos e dos Renascidos, além de alguns intelectuais ilustrados do setecentismo e os românticos são considerados pelo teórico como fundadores da nossa literatura.

Como mencionei anteriormente, essa visão não é compartilhada por todos os críticos literários e intelectuais que refletem sobre a literatura brasileira. Por exemplo, em *História da Literatura Brasileira*, Luciana Stegagno-Picchio afirma que o barroco seiscentista marca de maneira indelével nossa literatura, uma vez que foi nesse período que nasce o próprio Brasil Colônia.



Segundo a autora, “a estética barroca se adapta perfeitamente a um país que cria sua própria fisionomia e cultura em termos de oposição e de encontro de contrários, de mestiçagem” (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 98). Na verdade, se nos atermos rigorosamente a datas, o Brasil não deveria ter nascido no signo barroco, pois seu descobrimento em 1500 coincide com o auge do *Quattrocento* e da Alta Renascença na Europa. Entretanto, muito pouco do pensamento e, sobretudo, da estética dessa fase iria de fato plasmar nossa literatura. A única obra brasileira que traz resquícios renascentistas (e que permaneceu imune à influência camoniana, por ter sido publicada antes de *Os Lusíadas*) foi *Os Feitos de Mem de Sá* (1563), do jesuíta José de Anchieta.

Mesmo que teóricos como Antonio Candido queiram limitar a influência do barroco em nossas letras, em *Literatura e Sociedade* o próprio Candido assumiria que, no período arcáde, as produções acabariam por se mesclar com traços notáveis do barroco (CANDIDO, 2006, p. 107). No “Prólogo ao Leitor” de seu livro *Obras* (1768), Claudio Manuel da Costa pede desculpas pelos traços ditos barrocos de alguns dos poemas, justificando seu pouco refinamento pelo fato de escrever a partir de um lugar tão rude e inóspito para a atividade literária (as Minas Gerais que ele representaria a partir de um *locus horribilis* oposto ao ideal arcádico do *locus amoenus*) (COSTA, 2013). A exclusão do caráter fundador que o barroco pode ter tido na literatura brasileira rendeu a obra *O Sequestro do Barroco na Literatura Brasileira*, de Haroldo de Campos. Essa questão, para Campos, seria um verdadeiro “paradoxo borgiano”, em que nosso suposto fundador seria Gregório de Mattos, com o agravante de que sua poesia só teria sido descoberta por Varnhagen em 1882 – seria quase como se ele não tivesse existido entre o barroco e o romantismo (CAMPOS, 2011).

Outro desdobramento que abala o recorte entre movimentos e tendências envolve os aspectos indianistas que, mesmo tão emblemáticos para o romantismo, já estavam presentes no arcadismo setecentista, através dos elementos nativistas presentes em obras como *Uruguai* (1769), de Basílio da Gama e *Caramuru* (1781) de Santa Rita Durão. Teóricos como Massaud Moisés apontam que essa antecipação de características do romantismo (agrados ao gosto burguês, afastamento dos cânones neoclássicos) também podiam ser notados em poetas portugueses como Bocage ou Marquesa de Alorna (MOISÉS, 1999, p. 101).

Na virada entre o arcadismo e o romantismo, temáticas indianistas e regionalistas emergem como esteio de um sentimento nacionalista. O romantismo inaugura a expressão “cor local”, cujo caráter positivo já significa, por si só, uma importante ruptura no paradigma de outrora. Em seu ensaio



“Notícia da atual literatura brasileira” (também conhecido como “Instinto de Nacionalidade”), Machado de Assis faz coro ao que o português Almeida Garrett comenta sobre a falta de cor local em *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga (ASSIS, 1959, p. 129-149). Entretanto, esse aspecto nativista não era visto como qualidade no período arcadista, quando a emulação do *locus amoenus* europeu e a fidelidade às regras clássicas é que implicavam em valor poético. Nesse sentido, vale lembrar que, no início do setecentismo, o ainda barroco Manuel Botelho de Oliveira publica *Música do Parnaso* em 1705, e, em vida, foi elogiado por sua fidelidade às temáticas gongoristas, citava poetas italianos como Tasso e Marino. Entretanto, na posteridade, acabou lembrado mesmo por seu único arroubo nativista, o poema “A Ilha da Maré – Termo desta Cidade da Bahia”, que, como descreve Alfredo Bosi em sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, não resistiria a uma análise formal rigorosa (BOSI, 1975, p. 46).

O surgimento do romantismo no Brasil atendia ao desejo dos intelectuais e literatos brasileiros de atualizar a produção local em relação ao que se pensava e produzia na Europa. Uma coincidência contextual acaba por trazer relevância adicional ao romantismo brasileiro: o movimento de independência do Brasil. O indianismo surgiria como símbolo da tradição que dava liga ao impulso nacionalista emergente. Entretanto, na Europa, o romantismo era motivado como reação ao processo crescente de industrialização, urbanização e dos modelos de vida burguesa. No Brasil, a feição predominantemente rural e a industrialização ainda insipiente fizeram com que essa questão em particular parecesse estar em descompasso com o romantismo europeu.

A poética da primeira fase romântica é simples e singela, calcada na noção de liberdade, no louvor da natureza, e também no cultivo da melancolia. A “Canção do Exílio” é a maior mostra desses elementos. Gonçalves Dias foi o primeiro indianista no romantismo em obras como *I-juca-Pirama* (1848). Há quem diga que José de Anchieta fora indianista na literatura antes, mas o jesuíta apresentava representações dos indígenas e da sua cultura por interesses de catequização. Gonçalves Dias traz um indianismo já sintonizado com os ideais românticos, louvando o índio (o termo “indígena” não era usado na época) como herói, e se afastando da estética europeia. O ritmo cadenciado do seu poema épico, calcado na trama do índio que se recusa a morrer pelos Timbiras, apresenta típica musicalidade da poesia romântica.

O mito iluminista do “bom selvagem” defendido por Jean-Jacques Rousseau era inspiração inescapável para se entender o romantismo, através da sua noção do processo civilizatório como aspecto capaz de corromper a



natureza intrinsecamente boa dos seres humanos. Na literatura brasileira, a obra mais representativa desse tópico seria *O Guarani* (originalmente publicado em 1857), de José de Alencar. O encontro dos personagens Peri e Cecília (Ceci) pode ser lido como metáfora do velho e novo mundo. O indígena não é representado a partir de uma perspectiva realista ou histórica, ainda que sua figura, em um primeiro momento, apareça dotada de caráter nobre e corajoso. Em dado episódio, Peri crê que seria devorado por outra tribo, e ingere o veneno de uma cobra que picou Ceci, achando que iria envenenar a tribo (ALENCAR, 2012). Esse episódio, repleto de méritos formais do ponto de vista narrativo, demonstra que, para Alencar, o herói brasileiro não seria um canibal. Mas, no fim das contas, a história idealiza demasiadamente o indígena, além de realizar um verdadeiro apagamento da violência dos imigrantes europeus no processo colonial.

A estética do romantismo se amparava em uma dualidade de abordagens que, de certo modo, parecia até mesmo contraditória: focar tanto na subjetividade excessiva quanto no coletivo. Na poesia, a subjetividade excessiva predominou na segunda fase ultrarromântica, marcada pela obra de Álvares de Azevedo e Junqueira Freire, enquanto o aspecto coletivo desembocaria na terceira fase do condoreirismo, com autores como Castro Alves e Pedro Luis. Essa dicotomia também pode ser identificada na prosa, com uma ênfase específica na dinâmica dos personagens notada nos romances urbanos (ambientados em cidades e províncias), enquanto o aspecto coletivo pode ser notado nos romances regionalistas ou históricos (que se passavam no interior e apresentavam um Brasil menos desenvolvido). José de Alencar explorou as duas possibilidades, com bons resultados em ambas: *Luciola* exemplifica a estética urbana, enquanto *Iracema* e *O Guarani* se enquadram no recorte regionalista. *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manoel de Macedo é um exemplo notável da tendência urbana. Obra tida como simples e ingênua pela crítica, retratava a vida cotidiana burguesa da época ressaltando o amor e casamentos arranjados. O romance regionalista, por outro lado, divulgava costumes e regiões ainda desconhecidas pelos leitores. Filosoficamente, nota-se por detrás desse projeto um tipo de socialismo utópico, em que a burguesia seria informada da paisagem brasileira através de ficções idealizadas. Nessa tendência, podemos citar Visconde de Taunay com a obra *Inocência* (1872), que mostrava uma cidade do interior por um viés romântico e realista ao mesmo tempo.

No artigo “A desconstrução “no Brasil”: uma questão antropofágica?”, Evando Nascimento assinala dois modelos de reflexão sobre literatura e nacionalidade que se afirmaram no século XX. O primeiro envolve a ideia



de uma formação da literatura brasileira proposta por Antonio Candido, que teria nascido em nosso romantismo e que estaria ligado a uma noção de tradição. Por muito tempo, este modelo foi hegemônico no plano institucional, sobretudo por servir de base para o pensamento crítico dos intelectuais da Universidade de São Paulo no período do surgimento da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) na década de 1930 (NASCIMENTO, 2006, p. 149). Roberto Schwarz situa o trabalho de Candido como responsável por solidificar as bases de um estudo social da literatura, e o compara com autores como Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e Celso Furtado. Para Schwarz, a palavra “formação” em seu livro mais emblemático seria fruto de um uso consciente por parte de Candido, reforçando a intenção de somar forças ao esforço de tantos intelectuais que refletiam sobre a formação da cultura brasileira na primeira metade do século XX.

Do lado do assunto, a ideia de *formação* apreendia, dava visibilidade a um dinamismo decisivo, a saber, a gravitação cultural da Independência, no interior da qual Arcadismo e Romantismo – estilos tão opostos – puderam ter uma inesperada funcionalidade comum. Do lado do presente, da história dos estudos brasileiros, a ideia tinha a ver com os novos patamares ligados ao surgimento da Faculdade de Filosofia da USP (SCHWARZ, 1999, p. 19).

O segundo modelo interpretativo da cultura brasileira citado no artigo de Evando Nascimento envolve o conceito de antropofagia proposto por Oswald de Andrade e pelo núcleo de modernistas identificados com o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* de 1924 e o *Manifesto Antropófago* de 1928 (NASCIMENTO, 2006, p. 149). Posteriormente, Oswald tentou elaborar filosoficamente a noção de antropofagia, esforço que resultou, em 1950, na tese *A Crise da Filosofia Messiânica*. Foi com essa tese, inclusive, que Oswald concorreu a uma vaga para professor da USP, mas acabou sendo preterido. Esse episódio é citado por Evando Nascimento como sendo representativo da cisão entre os dois modelos interpretativos mencionados por ele: o uspiano (que, através sobretudo de Antonio Candido, elabora o romantismo como fundador de uma tradição literária nacional) e o modernista, baseado na antropofagia (NASCIMENTO, 2006, p. 165).

Poucos anos após a morte de Oswald, Antonio Candido escreve um ensaio sobre o modernista em sua obra *Vários Escritos*, em que aponta sua singularidade a partir de sua excentricidade de homem por vezes ilhado de seu tempo, e afirmando que, literariamente, Oswald é bom e mau escritor ao mesmo tempo (CANDIDO, 1977, p. 51-88). Seria injusto, porém, afirmar



que Antonio Candido tratou a memória e o legado de Oswald apenas sob uma leitura pejorativa. O próprio Candido faria reavaliações mais lisonjeiras e justas em estudos posteriores. Em *Iniciação à Literatura Brasileira*, Candido trata os romances de Oswald como sendo “admiráveis” e menciona o *Manifesto Antropófago* (1928) como o ponto alto de uma “interpretação fecunda da cultura brasileira como assimilação destruidora e recriadora da cultura europeia, com vistas a uma civilização desrecalcada e anti-autoritária” (CANDIDO, 1999, p. 73). Ao longo dos anos, intelectuais ligados a USP passam a reconhecer o legado e a importância do modernismo, passando a adotar uma postura radicalmente diferente da antipatia ou indiferença de outrora. Estudiosos como Luís Augusto Fischer chegam a afirmar que a importância do próprio modernismo enquanto movimento teria sido uma invenção fraudulenta da USP nos anos 1960 e 70 (FISCHER, 2021).

A fundação do modernismo se baseava na tentativa de trazer para o Brasil o espírito e a estética das vanguardas europeias. O movimento nasce de maneira reativa, ou seja, a partir da repercussão do artigo “A propósito da exposição Malfatti” (1917), em que Monteiro Lobato trata a obra de Anita Malfatti como sendo degradada e reflexo de um período de decadência. Foi esse artigo que levou Anita a se aproximar de Tarsila do Amaral, e que levou Mario e Oswald de Andrade a se movimentarem em sua defesa. Essas quatro figuras (Mario, Oswald, Tarsila, Anita), somadas ao escritor Menotti Del Picchia, constituíram o núcleo responsável pela Semana de Arte Moderna de 1922, evento que consolida o modernismo enquanto movimento (NASCIMENTO, 2015, p. 381).

Assim como no caso do romantismo brasileiro, o modernismo nasce com uma identidade alinhada a um projeto de fora (as vanguardas europeias), e vai aos poucos adquirindo feição própria. No início, os modernistas recebem a alcunha de “futuristas paulistas”, e, a despeito do tom pejorativo, a denominação é aceita por Menotti Del Picchia. Mário de Andrade renega esse vínculo ainda em 1921, já baseado nas tendências extremistas e dogmáticas dessa tendência. Na obra *O Futurismo Paulista*, Annateresa Fabris aponta a obra *Macunaíma* (1928) como o fim do diálogo dos modernistas com o futurismo (FABRIS, 1994, p. 278). A obra inclassificável de Mario trazia uma visão negativa das máquinas e do espaço urbano, glorificando o ócio como marca distintiva de caráter do brasileiro, em oposição do ideal do dinamismo industrial. Não à toa, 1928 é o ano do *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, que aprimorava de maneira mais original e elaborada algumas ideias já contidas no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* de 1924.



É preciso assinalar o quanto a antropofagia não apenas se tornaria um marco conceitual significativo no cânone das letras brasileiras, mas também prenunciaria campos de estudo de relevância mundial que não tinham ainda sequer sido inaugurados. Podemos notar esse aspecto visionário no verbete escrito para o *Dictionary of Latin American Cultural Studies*, publicado pela *University Press of Florida*, onde o autor Carlos Jáuregui assinala que o conceito de antropofagia dos modernistas abriu um precedente para boa parte das teorias pós-coloniais que ganhariam legitimidade acadêmica e cultural cinquenta anos após o auge do modernismo (JÁUREGUI, 2012, p. 22). Para José Miguel Wisnik, três figuras com projetos e discursos realmente maduros e interessantes fizeram do modernismo algo maior que uma tendência datada e esquecível: o compositor Heitor Villa-Lobos e os escritores Mário e Oswald de Andrade (WISNIK, 2022). Eduardo Viveiros de Castro aborda a importância desses dois últimos autores ao distinguir o papel de ambos: Mário seria a pessoa capaz não só de fazer trabalhos de campo e pesquisa aprofundada, mas de realizar um inventário de porte acadêmico sobre a cultura brasileira. Oswald, por sua vez, seria o teórico da multiplicidade cultural do Brasil, demonstrando um olhar visionário sobre essa multiplicidade e elaborando uma retórica envolvente sobre tais fenômenos (CASTRO. In: SAVAZONI, COHN, 2009, p. 82).

A geração do neoregionalismo de 1930 acaba por eclipsar, em parte, as conquistas da primeira geração “heroica” do modernismo paulista. Em todo o mundo, a década de 1930 marca o período que o conceito de resistência se aproximou da arte e da cultura. A ascensão do nazi-fascismo e suas formas aparentadas (como o franquismo ou o salazarismo) fomentou a união de intelectuais progressistas e forças populares, insuflando nas artes uma estética calcada no realismo e na denúncia social (BOSI, 2002, p. 125). O prefácio que Oswald de Andrade escreve em sua obra *Serafim Ponte Grande*, de 1933, demonstra como a tomada de consciência política dessa época reverberou nas artes: ali, Oswald afirma que quer deixar de ser o vanguardista “palhaço da burguesia” para se tornar “casaca de ferro da revolução proletária” (ANDRADE, 1972, p. 132-133). Nas décadas seguintes, a prosa de resistência do realismo socialista faria com que as conquistas da primeira geração modernista passassem por um relativo esquecimento.

A partir da morte de Oswald de Andrade em 1954, os poetas concretistas passam a publicar artigos e ensaios que eventualmente tentam resgatar a memória e relevância do modernismo. Já na década de 60, importantes obras modernistas são reencenadas e adaptadas com o intuito de trazer um contraponto ao projeto modernizador da ditadura militar. Em 1967, o Teatro





Oficina de José Celso Martinez reencena *O Rei da Vela*, de Oswald, e, em 1969, Joaquim Pedro de Andrade transforma *Macunaíma* em filme (WISNIK, 2022). O resgate do legado modernista se consolida em 1972, data que marcava os cinquenta anos da Semana de Arte Moderna. Na introdução de uma edição fac-símile da *Revista de Antropofagia* publicada em 1976, Augusto de Campos chega a afirmar que a antropofagia foi a teoria mais original já formulada na América Latina até hoje (CAMPOS, 2015). A relevância do modernismo só cresceu ao longo do tempo, e, em 2022, o centenário da Semana de Arte Moderna tem sido marcado por uma intensa programação cultural em São Paulo e outros estados sendo dedicada ao movimento.

Já para refletir sobre a fundação de tendências contemporâneas da literatura, seria importante considerar que vários aspectos e temáticas já elaboradas em contextos passados – sobretudo nos já discutidos períodos do romantismo e do modernismo – tem profunda reverberação nas produções de agora. Na verdade, mapear a literatura contemporânea revela-se tarefa árdua, uma vez que não apenas cresceu a quantidade de produções, mas também se multiplicaram os gêneros e subgêneros dessas produções. Dessa maneira, qualquer tipo de generalização do panorama contemporâneo irá inevitavelmente recair em certo reducionismo.

De todo modo, é possível dizer que um dos aspectos que marcam a literatura brasileira contemporânea envolvem a imaginação urbana e a representação do espaço urbano (SÜSSEKIND, 2005, p. 61). Aqui podemos, desde já, rastrear um vínculo entre o contemporâneo e o romantismo, como aborda Antonio Candido em seu ensaio “A Nova Narrativa”, ao dizer que a ficção brasileira desde 1840 se orienta para a representação da vida nas cidades grandes. O projeto literário de Machado de Assis (sobretudo em sua fase madura) consolida essa tendência, fazendo com que o regionalismo se tornasse opção secundária no panorama ficcional (CANDIDO, 1989, p. 202). Aqui, tomamos o cuidado de balancear a afirmação de Candido com a lembrança de importantes momentos do regionalismo ao longo do século XX. Primeiramente, o regionalismo de 30 e sua importância ao consolidar uma proposta madura e politizada da ficção na literatura nacional. Posteriormente, as obras de Guimarães Rosa e Raduan Nassar ampliam as possibilidades de abordagem da matéria prima regional. Além disso, o prestígio de autores como Itamar Vieira Junior mostra que ainda há lugar para o regionalismo no século XXI.

Ainda assim, autores como Tânia Pellegrini argumentam que as narrativas urbanas acabaram se tornando dominantes na contemporaneidade (PELLEGRINI, 2002, p. 356). E, para Tânia, algumas obras urbanas de influência da literatura policial (sobretudo as influenciadas por autores como Ru-



bem Fonseca ou Dalton Trevisan) seriam verdadeiras substitutas do exotismo outrora calcado na literatura regionalista (PELLEGRINI, 2002, p. 368). Assim como o regionalismo romântico atendia à uma demanda de entretenimento burguês, obras recentes calcadas em um realismo naturalista passam a atender aos anseios de consumo de uma classe média consumidora de livros. Tal dinâmica funciona quase que como um amálgama do papel que as ficções urbana e regional ocupavam separadamente na época do romantismo.

Da mesma forma, o modernismo continua a ecoar na contemporaneidade de diversas maneiras. Em um polêmico artigo publicado por José Miguel Wisnik na Folha de São Paulo em fevereiro de 2022 (escrito como resposta a um texto controverso e bastante contestado do jornalista Ruy Castro), o pesquisador assinala a influência basilar do modernismo nas obras de artistas como Tom Jobim, Glauber Rocha e José Celso Martinez. Por sinal, foi a encenação de *O Rei da Vela* por Zé Celso (somado ao contato com os concretistas) que levou os tropicalistas liderados por Caetano Veloso e Gilberto Gil a gravar o disco *Tropicália ou Panis et Circenses*, de 1968. Ao longo de várias décadas, os tropicalistas seriam lembrados como alguns dos principais atualizadores do modernismo (WISNIK, 2022).

Avançando ainda mais no tempo, José Miguel Wisnik menciona, no plano intelectual, como o (mundialmente) influente conceito de perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro é consideravelmente devedor das ideias de Oswald de Andrade. No panorama artístico, Wisnik debate também como o filme baseado no espetáculo *AmarElo – É tudo para Ontem*, lançado pelo rapper Emicida em 2020, atualiza e glorifica o legado modernista desde a epígrafe de Mário de Andrade em sua abertura. A maneira como Emicida traz as demandas e lutas do movimento negro e das periferias urbanas brasileiras para dentro da tradição artística e intelectual brasileira fazem de *AmarElo* uma verdadeira e profunda celebração antropofágica (WISNIK, 2022).

Dessa maneira, concluímos que, ao lançar um olhar sobre a fundação de tendências como o romantismo, modernismo e a contemporaneidade, notamos que, a despeito da originalidade de cada instante, várias questões e aspectos acabam persistindo em cada movimento, através de adaptações ou de novas formas e preposições. Tentamos traçar aqui um breve panorama que pudesse contemplar pontos importantes capazes de nortear uma discussão sobre o surgimento de tais tendências, seus diálogos e suas influências mútuas.



## Referências

- ALENCAR, J. **O Guarani**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- ANDRADE, O. **Memórias Sentimentais de João Miramar & Serafim Ponte Grande**. Obras Completas, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- ASSIS, M. Instinto de nacionalidade. In: ASSIS, Machado de. **Crítica Literária**. São Paulo: Mérito, 1959.
- BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- BOSI, A. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CAMPOS, A. Revistas Re-vistas: Os Antropófagos. In: **Poesia, antipoesia, antropofagia e cia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CAMPOS, H. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos**. São Paulo: Iluminarias, 2011.
- CANDIDO, A. **A Educação pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000.
- CANDIDO, A. **Iniciação à Literatura Brasileira: resumo para principiantes**. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, 1999.
- CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- COSTA, C. M. **Obras**. Obra organizada por Ivan Teixeira. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2013.
- FABRIS, A. **O Futurismo paulista: hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil**. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1994.
- FISCHER, L. A. Consagração da Semana de 22 impôs falsa ideia de que São Paulo foi o berço do modernismo. **Folha de São Paulo**, nº 33. 856. Caderno Ilustríssima: edição de 12 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/12/consagracao-da-semana-de-22-impos-falsa-ideia-de-que-sao-paulo-foi-o-berco-do-modernismo.shtml#:~:text=%5BRESUMO%5D%20Processo%20de%20diviniza%C3%A7%C3%A3o%20da,empedernido%20de%20cariocas%20e%20de> . Acessado em 04 de novembro de 2022.
- JÁUREGUI, C. Anthropophagy. In: **Dictionary of Latin American Cultural Studies**. Gainesville: University Press of Florida, 2012.
- MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1999.



NASCIMENTO, E. A desconstrução “no Brasil”: uma questão antropofágica? In: SANTOS, A. C; DURÃO, F. A; SILVA, M. G. G. V. (orgs.). **Desconstrução e Contextos Nacionais**. Rio de Janeiro: Sete-Letras Editora, 2006.

NASCIMENTO, E. A Semana de Arte Moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e “primitivismo” artístico. **Revista Gragoatá**, Niterói: UFF, n. 39. 376-391, 2015.

PELLEGRINI, T. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. **Revista de Filologia Românica**, Madrid: Universidad Complutense de Madrid, n. 19, p. 355-370, 2002.

SAVAZONI, R.; COHN, S. (org). **Cultura Digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.

STEGAGNO-PICCHIO, L. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

SÜSSEKIND, F. Desterritorialização e a forma literária. Literatura brasileira contemporânea e a experiência urbana. **Literatura e sociedade**, São Paulo: USP, v. 10, n. 8, p. 60-81, 2005.

WISNIK, J. M. Semana de 22 ainda diz muito sobre a grandeza e a barbárie do Brasil de hoje. In: **Folha de São Paulo**. Caderno Ilustríssima: edição de 12 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/semana-de-22-ainda-diz-muito-sobre-a-grandeza-e-a-barbarie-do-brasil-de-hoje.shtml> . Acessado em 03 de novembro de 2022.

